

Elogio do grande amor

É Verão e eles vão casar daqui a três semanas. Ela é uma flor a florir para o Mundo, está grávida. Têm ambos 17 anos e estão felizes porque se amam e até parece que Deus está com eles. São joviais e tontos, infantis, brincam a fazer de conta que eliminam todos os repressores daquele amor entre pessoas de diferentes classes sociais. Vão alugar um apartamento que fica junto a um matadouro. Não faz mal porque se amam. Começa assim, *Lovers – Vencedores*, o texto de Brian Friel que Jorge Silva encenou para o Teatro dos Aloés. Começa com a energia vibrante e invencível do amor, essa força ímpar, esse mistério, essa alegria – único horizonte e futuro daqueles dois. Como esperar pelo futuro? Ela não consegue. Friel retratou neste texto uma sociedade inteira vista pelos olhos e pelas palavras de dois jovens loucamente apaixonados: as deformações de carácter induzidas por uma cultura de aparências, por convenções sociais aberrantes e opressoras, e pelo predomínio da culpa, esse pecado que é um instrumento diabólico de fazer pessoas mesquinhas e cruéis – como ele, também um filho daquela sociedade, cujo primeiro impulso é o de repetir o que todos dizem e acriticamente pensam (não pela própria cabeça, claro). Friel, poeta maior do teatro europeu do século XX, trabalhou tudo isso com subtilidade e virtuosismo, para mostrar como era a Irlanda do Norte na segunda metade dos anos de 1960. Em quantos lugares do Mundo é ainda assim, em 2019?

SARAH ADAMOPOULOS

LOVERS – VENCEDORES, de Brian Friel, com encenação de Jorge Silva, cenografia de Rui Francisco, música de Rui Rebelo, desenho de luz de Tasso Adamopoulos, interpretação de Carlos Malvarez e Raquel Oliveira e narração de Elsa Valentim e José Peixoto apresentou-se ontem dia 9 e repete amanhã, dia 11 às 18h00, no Auditório Fernando Lopes-Graça, Fórum Romeu Correia, em Almada.

A primeira Noite das Crianças



© Rui Carlos Matêus

Ontem, a Esplanada da Escola D. António da Costa quase foi pequena de mais para acolher as tantas famílias que a transformaram num grande palco para a primeira Noite das Crianças, uma iniciativa programada a pensar nos mais pequenos. Nuno Cintrão apresentou *Por que voa o tempo?*, um concerto interactivo que

transformou vários pequenotes em músicos, levando-os para o palco para que pudessem tocar diferentes instrumentos ou ser eles próprios (braços, mãos) instrumentos que produziram estranhos e surpreendentes sons. Todo o público presente foi aliás convidado a participar, cantando, batendo palmas e rindo – sim, rindo, por vezes

loucamente, com ordem para parar ao sinal do maestro. Um grande concerto, um pouco maluco, numa noite diferente que ficou marcada pela presença massiva de insectos voadores (inofensivos, embora o seu grande número fosse algo simultaneamente insólito e divertido) que anunciaram a chegada de dias mais quentes.

Pratos teatrais do dia: *Macbettu* e *Un poyo rojo*

Hoje, dois espectáculos concebidos e interpretados unicamente por homens fazem a sua aparição no Festival, respectivamente em Lisboa e em Almada: *Macbettu*, de Alessandro Serra, a partir de *Macbeth*, de Shakespeare, apresenta-se em língua sarda pelas 19h00 no Teatro Nacional D. Maria II (repete amanhã às 21h00); e, no Palco Grande pelas 22h00, *Un poyo rojo*, um espectáculo de teatro físico chegado da Argentina para levar à grande cena do Festival uma luta de galos que constitui simultaneamente uma dança e um combate.



© Ishia Michocka

Lavar a roupa suja da sociedade

Ontem na Esplanada conversámos com Cécile Pauthe, encenadora francesa que nos presenteou com *Um amor impossível*, interpretado por Bulle Ogier e Maria de Medeiros, um espectáculo que é uma adaptação do romance autobiográfico da escritora Christine Angot.

Durante o colóquio, Pauthe contou-nos como admira o trabalho de Angot, como torna assuntos pessoais em manifestos políticos,

sociais, citando algo que a própria disse sobre si mesma: “Nos meus livros, eu não estou a lavar a minha roupa suja, estou a lavar a roupa suja da sociedade”. Foi a autora que fez a adaptação do romance para teatro, e todas as decisões cénicas que Pauthe tomou passaram sempre pelo crivo de Angot.

Quando questionada sobre as questões mais internas da história, Pauthe reportou-se a um dos diálogos finais do espectáculo, em



© Luana Santos

que é desconstruído o abuso da mãe pelo pai e da filha pelo pai, um abuso assente nas diferenças de classe, diferenças étnicas, na gestão da identidade. A dominação do homem, superior não só pelo seu género, como pelo seu nível intelectual, social, económico e mesmo étnico, revela-se no

crime que domina esta história. Percebemos ainda por que razão Pauthe decidiu começar pelo fim: “Queria que ficasse claro do que trata a história, que se pusessem as cartas na mesa”.

Amanhã, às 18h00, temos Alessandro Serra, encenador de *Macbettu*, nos colóquios da Esplanada.

“A máscara revela coisas que nós achamos que conseguimos esconder”

Hajo Schüler, actor, escritor, construtor de máscaras, coreógrafo, encenador e pedagogo, começou a sua carreira em 1994. Já passou por vários teatros e companhias, dentro e fora da Europa. A sua paixão é o teatro com máscaras, que neste Festival não apenas têm lugar de honra com *Dr. Nest*, como são o tema do *workshop* O Sentidos dos Mestres, nesta edição dedicado à actuação com máscara – a decorrer até dia 12 na Sala Pablo Neruda, Fórum Romeu Correia, em Almada.

Schüler admite que nem sempre gostou de máscaras. “Detestei máscaras quando tive de as estudar na escola”. No entanto, o seu gosto foi-se modificando, e hoje todas as peças que encena têm este aspecto em comum. “As máscaras têm um grande poder. Tornam visíveis coisas que de outra forma não o seriam. Há o *cliché* de que nos escondemos por detrás das máscaras mas a verdade é o oposto: a máscara revela coisas que nós achamos que conseguimos esconder. E isto é interessante no teatro porque nós queremos falar do que



© Luana Santos

está escondido, queremos falar de segredos, e as máscaras fazem com que consigamos mostrar estas coisas que, de outra forma, estariam escondidas.”

Mas, como é que as máscaras fazem isso? Como é que um objecto inanimado consegue desocultar as nossas partes mais bem guardadas? “As máscaras são projectores. São baterias que nós carregamos com emoções, com situações,

e depois transmitem algo para quem nos vê, e fazem-no de forma aumentada. Haver uma máscara e a necessidade de lhe dar vida cria um movimento, e com ele uma ligação, uma conexão com o público. Depois de projectar, através da máscara, recebemos do público”. “As máscaras são objectos bonitos que contam coisas de uma forma diferente, mais fresca, mais física, mais ingénua”, disse ainda Schüler. Usar máscaras é uma forma de teatro diferente, que abre caminho para uma montanha russa de emoções. “O que sentimos com a máscara é igual ao que sentimos sem a máscara, só que a um nível muito maior. Se nós actuássemos sem máscara como actuamos com máscara, iria ser visto como algo totalmente exagerado, melodramático. Atrás da máscara, cada emoção é muito grande, é enorme. E para nós é muito bom, porque é uma viagem por diferentes emoções, todas elas sentidas intensamente. Ultrapassa completamente o drama psicológico, realista, naturalista. É muito mais ardente, mais rico.” | L. F.

AGENDA DE AMANHÃ

CURSO DE FORMAÇÃO

14:00 **O sentido dos mestres com Hajo Schüler**
Fórum Romeu Correia

COLÓQUIO

18:00 **Alessandro Serra**
Escola D. António da Costa

TEATRO

18:00 **Lovers – Vencedores**
Fórum Romeu Correia

21:00 **Macbettu**
Teatro Nacional D. Maria II

21:00 **O Sonho**
Teatro Municipal Mirita Casimiro

21:30 **Se isto é um homem**
Teatro Municipal Joaquim Benite

21:30 **As três sozinhas**
Teatro Nacional D. Maria II

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

- Carbonada crioula
- Pescada com ameijoas
- Guisado com grão

AMANHÃ

- Favata
- Dourada no forno
- Panzanela

